Belo Horizonte, 3 de fevereiro de 1979

Sr.
Dr. Marcelo de Paiva Abreu
Rio de Janeiro

Prezado senhor:

Recebi nos primeiros dias de novembro (dia 5) o livro Formação de Comunidade Científica no Brasil, de Simon Schwartzman, acompanhado de sua carta de 1º de novembro, pedindo rápido parecer sobre o texto, em vista da próxima publicação.

Fiz imediatamente a leitura, preso pelo tema, por sua elaboração e pelo pedido que me era feito - que considero honroso. Tive que ir a Brasília, para uma reunião do CNPq nos dias 9 e 10. Minha intenção era fazer o relatório no fim da semana - dia 11 ou 12, por exemplo.

Acontece que no dia 11 fui acometido por doença que me abateu muito. Tive, nem mais nem menos, um enfarte do miocárdio, no dia 11 de novembro. Passei quatorze dias no Hospital, sendo 7 dias no CTI. De volta para casa, tive que fazer repouso absoluto durante todo o mês de dezembro e parte de janeiro: quando falei do trabalho ao médico ele me disse que não podia fazê-lo; olhando o volume chegou a pilheriar - que eu não podia fazer nenhum esforço, sequer para pegá-lo.

Restabeleci-me, felizmente, agora devo guardar muitos cuidados. Foi tudo muito desagradável.

Hoje peguei o volume, lido há mais de 3 meses. Tinha algumas notas e a lembrança bem marcada do texto. Escrevi então um rápido parecer. Seguramente ele não é mais necessário, o material já foi encaminhado e entregue à Editora (suponho que ele seria apresentado pela Cia. Editora Nacional, como o foi o do José Murilo sobre a Escola de Minas). De qualquer modo, devia-lhe a explicação. Não pude fazer nada antes, peço-lhe não me tome por desatencioso ou irresponsável.

Tenho ante os olhos a sua carta. É claro que pelo atrazo e pela possível inutilidade do parecer - fora do tempo e muito ligeiro - o caso não é de honorário, pois a tarefa não foi cumprida no prazo que se impunha.

Pergunto se devo devolver o texto. Provavelmente sim, que os Srs. têm poucas cópias.

Agradeço-lhe a distinção, Dr. Marcelo de Paiva Abreu, e peço desculpas pelo não cumprimento do pedido. O Sr. saberá justificar-me, pois fui vítima de algo incômodo e indesejável.

Cordialmente,

Francisco Iglésias

O livro _Formação da Comunidade Científica no Brasil_ tem excelente estruturação. Transmite um mundo de informações de interesse geral, revela o processo de desenvolvimento da ciência e tecnologia no país, permimitindo se percebam os pontos fracos à aqueles de mais êxito, de modo que permitem à administração orientar melhor a política científica e tecnológica. O estudo resulta da leitura de quanto se escreveu sobre a matéria e, sobretudo, de amplas entrevistas com alguns dos personagens que mais papel tiveram em todo esse processo, do qual foram os mais eminentes protagonistas. A matéria é fascinante e prende a atenção do leitor: os que não se comprometeram com esse processo, por não serem cultores dessas ciências, mas de outras - os cientistas sociais, por exemplo - acompanham a exposição com o máximo de interesse, pela importância do tema, pela vivacidade da narrativa e pela objetividade e justeza das interpretações. A pesquisa foi ampla e é sedutora pelo envolvimento de muitas instituições e pessoas. Se o campo de estudo é amplo e diversificado, também amplas e diversificadas são as fontes de informações. O trabalho foi conduzido todo tempo pór sentido crítico, base de segurança interpretativa. O plano é notável, com os 10 capítulos e seus inúmeros sub-titulos.

Os 2 primeiros capítulos - Ciência e Comunidade Científica no Brasil e A herança intelectual e cultural do século XVIII - poderiam ser mais elaborados e enriquecidos. Como exemplo, em um subtítulo como o número 4 do capítulo II - Portugal e a ciência moderna - há elementos para a configuração do assunto, mas o tema poderia ser bem mais esclarecido se o autor tivesse lido e usado no texto as análises admiráveis da matéria feitas pelo historiador português Antônio Sérgio em pelo menos 2 de seus ensaios mais profundos - As duas políticas nacionais e O Reino Cadaveroso -, que se encontram em volumes da série de _Ensaios_ do autor: o segundo no volume II, o primeiro não me lembro se no mesmo ou em outro. Também intérprete agudo do tema é o filósofo português Santana Dionísio, que escreveu livro valioso sobre a matéria, como se vê já no titulo - _A não-cooperação da inteligência hibérica na criação das ciências_. O conhecimento desses três textos daria ao subtítulo do

presente livro perspectiva bem melhor.

Os outros capítulos, fundados mais em entrevistas, parecem-nos muito bons. Importante é que o autor é sempre conduzido por um bom conhecimento da história brasileira, que lhe permite colocar sempre com justeza o seu assunto no quadro geral do país. O fato é tanto mais digno de nota quando se lembra que o autor não faz alarde: não diz que vai fazer a moldura de seu tema, e na verdade não a faz - alongaria muito o livro -, mas procede sempre como quem conhece mais do que suficiente para movimentar suas instituições, suas ciências e seus protagonistas. Por certo, não é preciso traçar sempre esses panos de fundo - como é comum entre os autores, sobrètudo os mais fracos -, pois o autor do livro supõe já haver nos leitores esse conhecimento. Parece-nos que essa economia no trato do tema é um dos sinais positivos da obra, sobretudo quando se lembra que o leitor sente que o autor leva em conta a existência de um quadro histórico explicativo do desempenho científico e tecnológico, com seus êxitos e malogros ou frustrações.

Uma referência deve ser feita a respeito da redação. Percebe-se a pressa na escrita, que leva a incorreções ou [illegible] priedades. O texto precisa ser submetido a um bom conhecedor da língua, para que ele faça uma leitura com as correções indispensáveis. Que são muitas e muitas. Afinal, um texto importante, tão pesquisado e tão bem trabalhado, precisa apresentação condigna. Como está, o livro perde um pouco e vai ser objeto de muita crítica ingênua e fácil.

É claro que sua edição vai significar muito, para a história das ciências e mesmo para a ciência em geral, no Brasil. Ele vai enriquecer a bibliografia nativa, muito pobre em estudos de história intelectual.

Francisco Iglésias